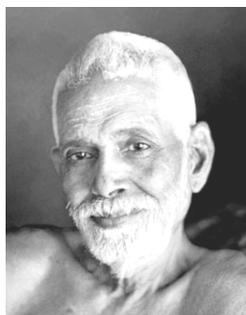
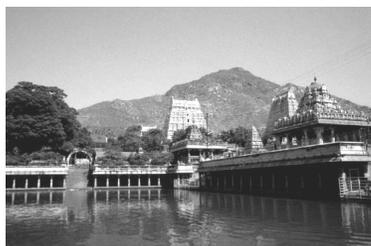


# Auto-inquirição

Capítulo 7 do livro “The Path of Sri Ramana”, de Sri Sadhu Om



Tradução para o português: Ana Lucia Fonte  
Revisão da tradução: Niraj

Ao ouvirem a expressão “Auto-inquirição” (*atma-vichara*), as pessoas geralmente acham que seu significado é investigar dentro do Eu, ou sobre o Eu. Mas como fazer isso? Quem é que investiga dentro do Eu, ou quem é que investiga sobre o Eu? O que a inquirição realmente significa? Essas questões surgem naturalmente, não é mesmo?

Logo que ouvimos os termos “*Atma-vichara*” ou “*Brahma-vichara*”, muitos de nós naturalmente consideram que exista algum tipo de efulgência ou um poder sem forma dentro do nosso corpo e que nós vamos descobrir o que ele é, onde ele está, e como ele é. Essa idéia não está correta, porque o Eu Real (*atman*) não existe como um objeto a ser conhecido por nós que buscamos conhecê-lo! Como o Eu Real brilha como a verdadeira natureza daquele que tenta conhecê-Lo, a Auto-inquirição não significa investigar dentro de um objeto de segunda ou terceira pessoa. É a fim de nos fazer compreender isso desde o início que Bhagavan Ramana chamou a Auto-inquirição de “**Quem sou eu?**”, assim conduzindo nossa atenção diretamente para a primeira pessoa. Nesta pergunta “Quem sou eu?”, “Eu sou” denota o Eu Real e “quem” significa a inquirição.

Quem é que vai investigar dentro Eu Real? Para quem é necessária essa inquirição? É para o Eu Real? Não. Como o Eu Real é o sempre-atingido, o sempre-puro, o sempre-liberto e sempre-abençoado TODO, Ele não fará nenhuma inquirição, e nem precisa fazê-lo! Tudo bem, então é somente o ego que precisa fazer a inquirição. Esse ego pode conhecer o Eu Real? Como foi dito nos capítulos anteriores, esse ego é uma falsa aparência, não tendo existência própria. Ele é um

insignificante e ínfimo sentimento de “eu”, que se aquieta e perde sua forma no sono profundo. Então, pode o Eu Real se tornar um objeto a ser conhecido pelo ego? Não, o ego não pode conhecer o Eu Real! Assim, quando se percebe que **a Auto-inquirição é desnecessária para o Eu Real**, e que **o Auto-conhecimento é impossível para o ego**, surgem as perguntas: “Qual é, então, o método prático de fazer a Auto-inquirição? Por que esse termo ‘Auto-inquirição’ é encontrado nas escrituras?” Não devemos examinar essas questões e descobrir? Então vamos fazê-lo.

Existe uma diferença entre o sentido no qual o termo “inquirição” é usado por Sri Bhagavan e o sentido no qual as escrituras o usam. As escrituras advogam a negação dos cinco revestimentos, que são o corpo, o *prana* (as forças vitais e a respiração), a mente, o intelecto e a escuridão da ignorância, como “não Eu, não Eu” (*neti, neti*). Mas quem é que os negará, e como? Se for a mente (ou o intelecto), ela pode negar, na melhor das hipóteses, somente o corpo físico insenciente e o *prana*, que são os objetos percebidos por ela. Além desses, como pode a mente negar a si mesma, sua própria forma? E quando ela não pode nem mesmo negar a si mesma, como pode negar os outros dois revestimentos, o intelecto (*vijnanamaya kosa*) e a escuridão da ignorância (*anandamaya kosa*), que estão além de seu campo de percepção? Durante a prática da inquirição, portanto, o que mais a mente pode fazer para permanecer como o Eu Real exceto repetir mentalmente, “Eu não sou este corpo, Eu não sou este *prana*?”. A partir disso, fica claro que a “inquirição” não é um processo de uma coisa investigando sobre uma outra coisa. Por essa razão é que a inquirição “Quem sou eu?” ensinada por Sri Bhagavan deve ser entendida como significando **Auto-atenção** (isto é, a atenção voltada somente à primeira pessoa, o sentimento “eu”).

A natureza da mente é sempre voltar-se para outras coisas que não ela própria, isto é, conhecer somente segunda e terceira pessoas. Dessa forma, se a mente se volta para uma coisa, significa que ela está aderindo (se apegando) a essa coisa. **A atenção em si mesma é apego!** Como a mente pensa sobre o corpo e o *prana* – embora com a intenção de decidir “isto não sou eu, isto não sou eu” – tal atenção é somente um meio de se tornar apegada a eles e não pode ser um meio de negá-los! Isso é o que qualquer verdadeiro aspirante experimenta em sua prática. Então, qual é o segredo oculto nisso?

Como, quer nós saibamos ou não, o **Eu Real** - que agora é erroneamente considerado por nós como sendo desconhecido - **é verdadeiramente a nossa realidade**, a própria natureza de nossa atenção (a atenção do Supremo Eu) é em si mesma a Graça (*anugraha*). Isso significa que qualquer coisa para a qual voltamos

nossa atenção, testemunhamos<sup>1</sup>, observamos ou olhamos, essa coisa é nutrida e florescerá, sendo abençoada pela Graça. Embora agora você possa pensar que é uma alma individual, como o poder da atenção do indivíduo não passa de um reflexo do “poder conhecedor” (*chit-shakti*) do Eu Real, aquilo sobre o qual ele cai ou é fixado é nutrido pela Graça e floresce mais e mais! Portanto, quanto mais o poder da atenção da mente for dirigido aos objetos de segunda e terceira pessoa, tanto mais a força (*kriya-bala*) para voltar-se para aqueles objetos, quanto a ignorância – o conhecimento dos cinco sentidos na forma de pensamentos sobre eles – crescerão, e não diminuirão! Nós já não dissemos que todos os nossos pensamentos não são nada mais do que atenção voltada para os objetos de segunda e terceira pessoas? Conseqüentemente, quanto mais nos voltarmos para a mente, mais os pensamentos – que são as formas (os objetos de segunda e terceira pessoa) do mundo – se multiplicarão e serão alimentados. Isso é realmente um obstáculo. Quanto mais nossa atenção – o olhar da Graça (*anugraha-drishti*) – voltar-se para a mente, mais sua natureza dispersiva e seu domínio crescerão. É por isso que é impossível para a mente **negar qualquer coisa pensando**<sup>2</sup> “Eu não sou isto, Eu não sou isto” (*neti, neti*). Por outro lado, se nossa atenção (a atenção do Eu Real) é direcionada somente para nós mesmos, apenas o conhecimento da nossa existência é nutrido, e como não é dada atenção à mente, ela é privada de sua força, do suporte de nossa Graça. “Quando deixados parados sem uso, o ferro e a maldade enferrujam” – de acordo com esse provérbio Tâmil, como a atenção não está voltada para as sementes de *vasanas*<sup>3</sup>, cuja natureza é surgir furtiva e maldosamente, todas elas têm que permanecer quietas, e assim elas secam como sementes privadas de água, e se

---

<sup>1</sup> A prática de testemunhar pensamentos e eventos, que é muito recomendada hoje em dia pelos oradores e escritores, nunca foi recomendada mesmo que minimamente por Sri Bhagavan. Na verdade, quando Ele era perguntado sobre o que deveria ser feito quando os pensamentos surgem (isto é, quando a atenção é desviada para a segunda ou terceira pessoas) durante a *sadhana*, Ele sempre respondia do mesmo modo como fez para Sri Sivaprakasam Pillai no “Who am I?”, onde Ele diz, “Se outros pensamentos surgem, você deve, sem tentar completá-los, perguntar ‘Para quem eles surgiram?’. O que importa que muitos pensamentos surjam? No exato momento em que cada pensamento surge, se você diligentemente perguntar ‘Para quem isso surgiu?’, a resposta será ‘Para mim’. Se então você perguntar ‘Quem sou eu?’, a mente (nosso poder de atenção) retornará (do pensamento) para sua fonte (o Eu Real)”. Além do mais, quando mais tarde Ele diz no mesmo trabalho, “Não voltar-se para o que-é-outro (isto é, para qualquer segunda ou terceira pessoa) é não-apego (*vairagya*) ou ausência de desejos (*nirasa*)”, nós devemos compreender claramente que voltar-se para (testemunhar, olhar, observar ou ver) qualquer outra coisa além do Eu Real é em si mesmo apego, e quando entendermos assim nós perceberemos quão sem sentido e inábeis são as instruções tais como “Observe todos os pensamentos e eventos com desapego” ou “Testemunhe seus pensamentos, mas não se apegue a eles”, que são ensinadas pelos assim chamados *gurus* dos dias de hoje.

<sup>2</sup> É por isso que os aspirantes que, a fim de destruir pensamentos ruins como desejos ardentes, raiva e assim por diante, lutam contra eles, e desse modo, pensam sobre eles, falham em seus esforços; enquanto que os aspirantes que praticam a Auto-inquirição, voltam toda a sua atenção para o Eu Real, com uma atitude de indiferença em relação a esses pensamentos ruins, e assim os ultrapassam facilmente.

<sup>3</sup> Predisposições, hábitos e tendências latentes.

tornam fracas demais para germinarem e crescerem sob a forma de plantas-pensamentos. Então, quando o fogo do Auto-conhecimento (*jnana*) queimar, essas tendências (*vasanas*), como lenha bem seca, sucumbirão a ele. Essa é a única forma de efetivar a destruição total de todas as tendências (*vasanakshaya*).

Se nos dizem “Abandone o leste”, o modo hábil de fazer isso é fazê-lo como se tivesse sido dito, “Vá para o oeste!” Da mesma maneira, quando nos dizem “Descartem os cinco revestimentos, que não são o Eu Real”, o modo hábil de descartar o não-Eu é focar nossa atenção em nós mesmos: “O que é este Eu?” ou “Quem sou eu?”. Pensar “Eu não sou isto, nem isto” (*neti, neti*), é um **método negativo**. Sabendo que esse método negativo é tão inábil quanto dizer “Tome o remédio sem pensar em um macaco”<sup>4</sup>, Sri Bhagavan nos mostrou o modo inteligente de tomar o remédio sem pensar em um macaco, nos dando a chave, “Tome o remédio pensando em um elefante”, isto é, Ele substituiu o antigo método negativo pelo **método positivo** “Quem sou eu?”

“...Verdadeiramente, o ego é tudo! Por isso a inquirição ‘O que ele é?’  
(em outras palavras, ‘Quem sou eu, este ego?’)  
é a verdadeira desistência (renúncia) de tudo,  
Saiba que é assim!”

“*Ulladhu Narpadhu (Quarenta Versos sobre a Realidade)*”, verso 28

Verdadeiramente, tudo (isto é, os cinco revestimentos e suas projeções – todos esses mundos) é o ego. Então, prestar atenção ao sentimento “eu”, perguntando “O que ele é?” ou “Quem é este eu?”, é a única forma de renunciar, descartar, eliminar, ou negar os cinco revestimentos. Assim Bhagavan Ramana declarou categoricamente que somente a Auto-atenção é a técnica correta de eliminar os cinco revestimentos!

Sendo assim, com que finalidade as escrituras usaram o termo “inquirição” para indicar o método “não isto, não isto?” (*neti-neti*). Por acaso pelo método de “não isto, não isto”, nós não podemos formular intelectualmente (isto é, através de *paroksha*) o teste dado no quarto parágrafo do capítulo 4 deste livro, “Uma coisa certamente não é o ‘eu’ se é possível para alguém experimentar ‘eu sou’ mesmo na ausência dessa coisa”? Enquanto existir o conhecimento equivocado “Eu sou o

<sup>4</sup> Há uma história tradicional de um médico prescrevendo um remédio para um paciente com a condição de que o mesmo deveria ser tomado somente enquanto ele não pensasse em um macaco; mas o paciente não conseguia tomar o remédio sob essa condição, porque toda vez que ele tentava fazê-lo, o pensamento de um macaco certamente surgia.

corpo” relativo aos cinco revestimentos ou três corpos anteriormente citados, não será a atenção prestada à primeira pessoa automaticamente uma atenção dirigida a um revestimento ou a um corpo – uma segunda pessoa? Mas se usarmos esse teste, poderemos descobrir que todas essas atenções não são a atenção da primeira pessoa propriamente dita. Portanto, em primeiro lugar é necessário ter uma convicção intelectual que estes [revestimentos] não são o “eu”, a fim de poder praticar a Auto-atenção sem perder nossa direção. Somente a discriminação<sup>5</sup> através da qual nós adquirimos essa convicção é que tem sido chamada de “inquirição” pelas escrituras. Então, o que deve fazer um aspirante após discriminar assim? Como pode a atenção a estes cinco revestimentos, mesmo com uma intenção de eliminá-los, ser uma atenção voltada para o Eu Real? Portanto, enquanto se pratica a Auto-inquirição, ao invés de tomar qualquer um dos cinco revestimentos como o objeto da nossa atenção, devemos fixar nossa atenção somente na consciência-“Eu”, que existe e brilha como “si-mesmo”, como a única, e como uma testemunha que se mantém à parte destes revestimentos.

Ao invés de ser direcionado para alguma segunda ou terceira pessoa, não está assim o nosso poder de atenção, que até aqui era chamado de mente ou intelecto, agora dirigido somente à primeira pessoa? Embora formalmente nos referimos a ele como “direcionado”, na verdade ele não é da natureza de um “fazer” (*kriya-rupam*) na forma de direcionar ou ser direcionado; é da natureza de “ser” ou “existir” (*sat-rupam*). Porque a segunda e a terceira pessoas (incluindo os pensamentos) são estranhos ou externos a nós, nossa atenção prestada a eles era da natureza de um “fazer” (*kriya*). Mas essa mesma atenção, quando fixada sobre o sentimento interior da primeira pessoa, “eu”, perde a natureza de “voltar-se para” e permanece na forma de “ser”, e portanto ela é da natureza de “não-fazer” (*akriya*) ou “inação” (*nishkriya*). **Enquanto nosso poder de atenção estava residindo sobre segundas e terceiras pessoas, ele era chamado “a mente” ou “o intelecto”, e seu “voltar-se para” era um “fazer” (*kriya*) ou uma “ação” (*karma*). Somente aquilo que é feito pela mente é uma ação.** Mas, por outro lado, logo que a atenção é fixada sobre a primeira pessoa (ou Eu Real), ela perde seus nomes vulgares tais como mente, intelecto ou ego. Além do mais, esta atenção não é mais uma ação, mas “inação” (*akarma*) ou o estado de “apenas ser” (*summa irutal*). **Portanto, a mente que se volta para o Eu Real não é mais a mente; ela é o aspecto consciência do Eu Real (*atma-chit-rupam*)! Da mesma forma, enquanto se volta para a segundas e terceiras pessoas (o mundo), ela não é o aspecto consciência do Eu Real; ela é a mente, a forma refletida da consciência (*chit-abhasa-rupam*)!** Por

---

<sup>5</sup> A discriminação tratada no capítulo 4 deste livro também tem o mesmo objetivo em vista, no entanto ela não é processo real da inquirição. Somente o que está exposto no último capítulo deste livro é o verdadeiro método da Auto-inquirição.

isso, como a Auto-atenção não é um fazer (*kriya*), ela não é uma ação (*karma*). Isto é, somente o Eu Real realiza o Eu Real; o ego não o faz!

A mente plenamente madura (*pakva-manas*) é aquela que conquistou um desejo ardente pela Auto-atenção, que é a Auto-inquirição. Como agora ela não está nem um pouco inclinada a voltar-se para alguma segunda ou terceira pessoa, pode-se dizer que ela alcançou o ápice do desapego (*vairagya*). Pois todos os tipos de desejos e apegos não pertencem somente à segunda e à terceira pessoas? Como esta mente, que compreendeu muito bem que (como já visto em capítulos anteriores) somente a consciência que brilha como o “Eu” é a fonte da felicidade real e completa, agora busca o Eu Real **devido a sua ânsia natural pela felicidade**, esse desejo intenso de voltar-se para o Eu Real é realmente a mais alta forma de devoção (*bhakti*). **É exatamente essa Auto-atenção da mente, que está assim completamente amadurecida por tamanha devoção e desapego (*bhakti-vairagya*), que deve ser chamada a inquirição “Quem sou eu?” ensinada por Bhagavan Sri Ramana!** Bem, não irá uma mente assim tão madura, que vem para o caminho de Sri Ramana, concordando voluntariamente em engajar-se na Auto-atenção, realizar o Eu? Não, não, **deu início ao seu fim!** Concordando em cometer suicídio, ela coloca seu pescoço (através da Auto-atenção) no cadafalso onde será sacrificada! Como? Somente enquanto ela estava voltada para a segunda e para a terceira pessoas ela tinha o nome “mente”. Mas tão logo a Auto-atenção é iniciada, seu nome e forma (seu nome como a mente e sua forma como os pensamentos) são perdidos. Então nós não podemos mais dizer que a Auto-atenção ou a Auto-inquirição é feita pela mente. Nem é a mente que se volta para o Eu Real, nem é a natural e espontânea Auto-atenção do aspecto consciência do Eu Real (*atma-chit-rupam*) – que não é a mente – uma atividade!

“Seria então uma mentira nua  
se qualquer homem dissesse que ele  
Realizou o Eu, mergulhando interiormente  
Através da prática da inquirição apropriada.  
Não para conhecer [o Eu Real] mas para morrer  
É o valor do ego imprestável!  
Somente por Arunachala , o Eu Real, que o Eu Real é conhecido!” –

*Sri Arunachala Venba, verso 39*

O sentimento “eu sou” é a experiência comum a todas as pessoas. Nessa expressão, “sou” é a consciência ou o conhecimento. Esse conhecimento não é de alguma coisa externa, é o conhecimento de si mesmo. Isto é **chit** (a consciência).

Essa consciência é “nós”. “Nós somos verdadeiramente Consciência”, diz Sri Bhagavan no “*Upadesa Undhiyar*” (A Essência da Instrução), verso 23. Este é o nosso “ser” (isto é, nossa verdadeira existência) ou **sat**. Esse é chamado “**Aquilo que é**” (*ulladhu*). Assim, na expressão “eu sou”, “eu” é a existência (*sat*) e “sou” é a consciência (*chit*). Quando o Eu Real, nossa natureza de existência-consciência (*sat-chit-swarupam*), ao invés de brilhar sozinho como a pura consciência “Eu sou”, brilha misturado com um atributo (*upadhi*) como “Eu sou um homem, Eu sou Rama, Eu sou tal e tal, Eu sou isto ou aquilo”, então **essa consciência misturada é o ego**. Essa consciência misturada somente pode surgir pelo agarrar-se a um nome e forma. Quando sentimos “Eu sou um homem, Eu sou Rama, Eu estou sentado, Eu estou deitado”, não fica claro que nós erroneamente tomamos o corpo como sendo “nós”, e que assumimos seu nome e posturas como “Eu sou isto e Eu sou assim”? O sentimento “isto e assim” que surgiu agora misturado com a pura consciência “Eu sou” (*sat-chit*) é o que é chamado “**pensamento**”. **Esse é o primeiro pensamento**.

O sentimento “eu sou um homem, eu sou tal e tal” é somente um pensamento. **Mas a consciência “Eu sou” não é um pensamento; ela é a verdadeira natureza de nosso “ser”**. A consciência misturada “Eu sou isto ou aquilo” é um pensamento que surge a partir de nosso “ser”. É somente depois do surgimento desse pensamento – a consciência misturada (a primeira pessoa) – que todos os outros pensamentos, que são o conhecimento de segunda e terceira pessoas, surgem.

“Somente se a primeira pessoa existe, a segunda e a terceira pessoa existirão...”

“*Ulladu Narpadu*” (*Quarenta Versos sobre a Realidade*), verso 14

Essa consciência misturada, a primeira pessoa, é chamada nosso “surgimento” ou o surgimento do ego. Essa é a primeira atividade mental (*adi-vritti*)! Por isso:

“Pensar é uma atividade mental (*vritti*): ser não é uma atividade mental!

“*Atma Vichara Patikam*” (*Onze Versos sobre a Auto-inquirição*), verso 1,  
por Sadhu Om

**A pura existência-consciência, “Eu sou”, não é um pensamento; essa consciência é a nossa natureza (*swarupam*). “Eu sou um homem” não é nossa pura consciência; é somente nosso pensamento!** Assim, antes de mais nada é essencial para os aspirantes que praticam a inquirição “Quem sou eu?”, compreender

a diferença entre nosso “ser” e nosso “surgir” (isto é, entre a existência e o pensamento).

Bhagavan Sri Ramana aconselhou que a Auto-inquirição fosse feita ou na forma “Quem sou eu?” ou na forma “De onde sou eu?”. Ouvindo essas duas sentenças interrogativas, muitos aspirantes têm mantido várias opiniões a seu respeito e ficaram confusos sobre qual delas praticar, e como! Mesmo entre aqueles que consideram que ambas são a mesma coisa, muitos têm apenas uma compreensão superficial e não investigaram profundamente como elas são idênticas. Alguns que tentam seguir a primeira, “Quem sou eu?”, começam simplesmente repetindo como um papagaio, vocalmente ou mentalmente, a expressão “Quem sou eu? Quem sou eu?” como se ela fosse um *mantra-japa*. Isso está completamente errado! Repetir “Quem sou eu?” dessa maneira é tão ruim como meditar sobre, ou repetir (fazer *japa* de) os Grandes Ditos (*mahavakyas*) tais como “Eu sou Brahman” e assim por diante, desse modo prejudicando o verdadeiro objetivo para o qual eles foram revelados! O próprio Sri Bhagavan disse repetidamente, ““Quem sou eu?” não deve ser repetida mecanicamente”! Alguns outros, achando que estão seguindo a segunda forma interrogativa, “De onde sou eu?”, tentam se concentrar no lado direito do peito (onde eles imaginam que se localize algo como um coração espiritual), esperando uma resposta tal como “Eu sou daqui”! Esse método não é melhor do que o antigo método de meditar sobre qualquer um dos seis centros yóguicos (*shad-chakras*) no corpo! Pois, por acaso pensar sobre qualquer lugar no corpo não é somente uma atenção voltada à segunda pessoa (uma atenção objetiva)? Antes de começar a explicar a técnica da Auto-inquirição, não é da máxima importância que todos esses conceitos errôneos sejam removidos? Portanto, vamos ver como eles podem ser removidos.

Em Sânscrito, os termos “*atman*” e “*aham*” ambos significam “Eu”. Por isso, “*atma-vichara*” (a Auto-inquirição) significa uma atenção buscando “Quem é este eu?”. Ela pode ser melhor chamada de “**atenção ao eu**”, “**Auto-atenção**” ou “**permanência no Eu**”. A consciência “Eu” assim apontada aqui é o sentimento da primeira pessoa. Mas, como nós já dissemos, deve ser compreendido que a consciência misturada com atributos como “Eu sou isto” ou “Eu sou aquilo” é o ego (*ahamkara*) ou a alma individual (*jiva*), ao passo que **a consciência pura**, vazia de atributos e brilhando sozinha como “Eu-Eu” (ou “Eu sou o que Eu sou”) é o Eu Real (*atman*), o Absoluto (*Brahman*) ou Deus (*Iswara*). Isso não implica em dizer que a consciência da primeira pessoa, o “Eu”, pode ser tanto o ego como o Eu Real? Como geralmente todas as pessoas tomam o sentimento de ego (“Eu sou o corpo”) como sendo o “Eu”, o ego também recebe o nome “eu” (*atman*) e é chamado “eu individual” (*jivatma*) por algumas escrituras ainda hoje. É só por essa razão que

mesmo a atenção ao ego, perguntando “O que é ele?” ou “Quem é ele?”, é também chamada nas escrituras de “Auto-inquirição” (*atma-vichara*). Contudo, não está claro que o Eu Real, a existência-consciência, não precisa fazer qualquer inquirição nem pode estar sujeito a qualquer inquirição? Foi apenas com o propósito de corrigir esse defeito que Bhagavan Ramana chamou-a “**Quem sou eu?**”, preferindo essa expressão ao invés do antigo termo “Auto-inquirição” (*atma-vichara*)! O ego, o sentimento de “eu” geralmente tomado pelas pessoas como sendo a consciência da primeira pessoa, não é a real consciência da primeira pessoa; apenas o Eu Real é a verdadeira consciência da primeira pessoa. O sentimento de ego, que é meramente uma sombra dele [do Eu Real], é uma falsa consciência da primeira pessoa. Quando se investiga dentro desse ego, o que ele é ou quem ele é, ele desaparece porque na verdade ele é não-existente, e o inquiridor, não tendo nada mais a fazer, se estabelece no Eu Real como Eu Real.

Porque ela surge, brotando do Eu Real, a falsa consciência da primeira pessoa [o ego] mencionada acima tem que surgir em um lugar e um tempo determinados. Portanto, a pergunta “De onde sou eu?” significa somente “De onde (de que lugar) o ego surge?”. Um lugar de surgimento só pode ser para o ego. Mas para o Eu Real, já que Ele não tem surgimento ou desaparecimento, não pode haver lugar ou momento determinados.

“Quando examinados, apenas nós – a Coisa sempre-conhecida – somos; então onde está o tempo e onde está o espaço? Se nós somos (pensamos erroneamente ser) o corpo, nós estaremos envolvidos no tempo e no espaço; mas, nós somos o corpo? Como nós somos o Um, agora, depois e para sempre, esse Um no espaço, aqui, lá e em todo o lugar<sup>6</sup>, apenas nós – o Eu Absoluto além do tempo e do espaço – somos!”.

“*Ulladu Narpadu*” (*Quarenta Versos sobre a Existência*), verso 16

– assim diz Sri Bhagavan. Portanto, investigar “De onde sou eu?” é o mesmo que investigar “De onde é o ego?”. A questão “De onde sou eu?” será aplicável somente ao surgimento do ego, que é condicionado pelo tempo e pelo espaço. Sri Bhagavan espera que compreendamos que o significado do termo “De onde?” ou “De que lugar?” é “**Do que?**”. Quando tomado nesse sentido, ao invés de um lugar ou tempo surgindo como uma resposta, apenas a Auto-existência, “nós”, a Coisa

---

<sup>6</sup> O tempo e o espaço aparentemente existem em nós (o Eu Real), mas nós não estamos neles nem somos limitados por eles. A experiência do *Jnani* é somente “Eu sou” e não “Eu estou em todos os lugares e em todos os tempos”.

(*vastu*), é experimentada como a resposta. Se, por outro lado, nós anteciparmos um lugar como uma resposta à pergunta “De onde?”, um lugar - condicionado pelo tempo e pelo espaço - será experimentado dentro do corpo “dois dedos a partir do centro para o lado direito do peito” (como dito no “*Ulladu Narpadhu – Anubandham*” (Suplemento aos Quarenta Versos sobre a Existência, verso 18). **Contudo, essa não é a experiência última ou absoluta.** Porque Sri Bhagavan afirmou categoricamente que o **Coração** (*hridayam*) é verdadeiramente a Autoconsciência, que é sem tempo, sem espaço, sem nome e sem forma.

“Aquele que pensa que o Eu Real (ou o Coração) está dentro do corpo insciente, enquanto que na verdade o corpo está dentro do Eu Real, é como aquele que pensa que a tela, que é o suporte das imagens de cinema, está contida dentro das imagens!”

“*Ekatma Panchakam*” (Cinco versos sobre o Eu Real), verso 3

**Encontrar um lugar no corpo como sendo o ponto de surgimento do ego em resposta à questão “De onde?” não é o objetivo dos ensinamentos de Sri Bhagavan; nem é este o fruto a ser obtido pela prática da Auto-inquirição.** Sri Bhagavan declarou claramente o objetivo de Seus ensinamentos e o fruto a ser ganho pela busca do local de surgimento do ego como segue:

“Quando buscado dentro ‘Qual é o lugar de onde ele surge como eu?’, o ‘eu’ (o ego) morrerá! Isso é a Auto-Inquirição (*jnana-vichara*).”

“*Upadesa Undhiyar*” (A Essência da Instrução), verso 19

Portanto, o resultado que é visado por essa busca do local de surgimento do ego é a aniquilação deste ego e não uma experiência de um lugar no corpo. É somente em resposta às pessoas imaturas que – incapazes mesmo de ter uma compreensão intelectual (*paroksha jnana*) sobre a natureza do Eu Real, que brilha sozinho como o Um, a Coisa não-dual, não limitada por (na verdade, absolutamente não conectada com) tempo e espaço, não limitada mesmo pela forma: “O Absoluto (*Brahman*) está em todo lugar, o Absoluto está em todos os tempos, o Absoluto é todas as coisas” – sempre levantam a questão, “Onde é a sede do Eu Real no corpo?”, que as escrituras e algumas vezes até mesmo Sri Bhagavan tiveram que dizer: “...dois dedos para a direita (a partir do centro do peito) é o coração”<sup>7</sup>. Por

---

<sup>7</sup> É importante ressaltar que o lugar do coração “dois dedos para a direita a partir do centro do peito” não está incluído no “*Ulladu Narpadhu*” (os quarenta versos principais), onde são dados os ensinamentos originais e diretos de Sri Bhagavan, mas somente no “*Ulladu Narpadu – Anubandham*” (os quarenta versos suplementares), já que essa é meramente uma das verdades diluídas que as escrituras condescendentemente

isso, esse lugar-coração (*hridaya-stanam*) não é a Realidade última ou absoluta. O leitor pode aqui se referir ao “*Maharshi’s Gospel*”, Livro II, capítulo IV, “O Coração é o Eu Real” (8ª edição 1969, páginas 68 a 72; 9ª edição, 1979, páginas 72 a 76).

Assim, voltar-se para si mesmo na forma “De onde sou eu?” é investigar o ego, o “eu-que surge”. Mas, enquanto investigando “Quem sou eu?”, existem alguns aspirantes que tomam o sentimento “Eu” como sendo seu “ser” (existência) e não seu “surgimento”! Se feita assim, isso é atenção ao Eu Real. É apenas para compreender claramente a diferença entre essas duas formas de inquirição, que a diferença entre nosso “surgir” e nosso “ser” foi explicada anteriormente neste capítulo. Assim como o significado correto do termo “meditação sobre Brahman” (*brahma-dhyanam*) usado pelas escrituras até agora é explicado por Sri Bhagavan nas duas últimas linhas do primeiro verso beneditório do “*Ulladu Narpadu* (Quarenta Versos)” como sendo “residir no Coração como Ele é” (quer dizer, permanecer como o Eu Real é a maneira certa de meditar sobre ele), assim também o significado correto do termo “Auto-inquirição” (*atma-vichara*) é aqui corretamente explicado como sendo “**voltar-se ao Eu Real**” (ou prestar atenção ao Eu Real).

Em ambos os tipos de inquirição (“Quem sou eu?” ou “De onde sou eu?”), como a atenção do aspirante está focada unicamente sobre ele mesmo, nada menos do que o Eu Real (*atman*) – que é o verdadeiro significado da palavra “eu” – será finalmente experienciado. Portanto, o resultado final de ambas as investigações, “De onde sou eu?” e “Quem sou eu?”, é o mesmo! Como? Aquele que busca “De onde sou eu?” está seguindo o ego, cuja forma é “Eu sou tal e tal”, e enquanto faz assim, o atributo “**tal e tal**”, não tendo existência real, morre no caminho, e assim ele permanece estabelecido no Eu Real, o sobrevivente “**Eu sou**”. Por outro lado, aquele que busca “Quem sou eu?” mergulha sem esforço em seu verdadeiro “ser” (o Eu Real) natural, que brilha sempre como “**Eu sou o que eu sou**”. Portanto, quer seja feita na forma “De onde sou eu?”, ou “Quem sou eu?”, o que é absolutamente essencial é que a Auto-atenção deve ser perseguida até o derradeiro fim. Além do

---

respondem em concessão à fraqueza dos aspirantes imaturos. Além do mais, esses dois versos, o 18 e o 19, não são composições originais de Sri Bhagavan, mas apenas traduções de um trabalho Malayalam chamado “*Ashtanga Hridayam*”, que não é nem mesmo um texto espiritual, mas sim médico. Também deve ser observado aqui que esses dois versos não recomendam de modo algum, nem mesmo mencionam, a prática da concentração a atenção sobre este ponto no corpo, dois dedos para a direita a partir do centro do peito. Na verdade, em nenhum lugar – nem em Seus trabalhos originais, nem em Suas traduções de trabalhos de outros, nem mesmo em quaisquer das conversas com Ele gravadas por devotos – Sri Bhagavan alguma vez recomendou essa prática (porque a meditação sobre o lado direito do peito ou sobre qualquer outra parte do corpo transitório, insenciente e exterior não é nada além de uma atenção à segunda pessoa, um objeto que não o “Eu”). E, quando perguntado a respeito, Ele de fato costumava condená-la (veja “*Talks with Ramana Maharshi*”, número 273).

mais, não é necessário para os aspirantes sinceros nem nomear de antemão o sentimento “Eu” como sendo o ego ou como o Eu Real. Por acaso existem duas pessoas no aspirante, o ego e o Eu Real? Se diz isso porque, como todos nós temos a experiência “Eu sou somente um e não dois”, nós não devemos dar espaço para um sentimento dual imaginário – um “Eu” buscando um outro “Eu” – ao discriminar o ego e o Eu Real como sendo o “eu inferior” e o “eu superior”.

“...Existem dois eus, para um ser um objeto a ser conhecido pelo outro? Isso porque a verdadeira experiência de todas é ‘Eu sou um’ !”.

*“Ulladu Narpadhu” (Quarenta Versos sobre a Existência), verso 33*

– pergunta Sri Bhagavan.

Assim, é suficiente agarrarmos o sentimento “Eu” ininterruptamente até o fim. Essa atenção ao sentimento “Eu”, a experiência diária comum de todos, é o que se chama Auto-atenção. Para aqueles que aceitam como seu conhecimento básico a consciência-“Eu sou o corpo” (*jiva bhava*), sendo incapazes de duvidar de sua existência (a existência do ego), é apropriado praticar a Auto-atenção (isto é, fazer a Auto-inquirição) na forma “De onde sou eu?”. Por outro lado, para aqueles que, ao invés de supor que eles têm uma individualidade (*jiva bhava*) como “Eu sou tal e tal” ou “Eu sou isto”, voltam-se assim para, “O que é este sentimento que brilha como **eu sou**?”, é conveniente fixar-se na Auto-atenção na forma “Quem sou eu?”. O que é importante assegurar-se é que, durante a prática (*sadhana*), nossa atenção esteja voltada exclusivamente para o “Eu”, o sentimento singular da primeira pessoa.

***Om Namó Bhagavate Sri Arunachalaramanaya!***